



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ALANE DE OLIVEIRA GOMES

**O ENSINO DA LITERATURA DE CORDEL NO 7º ANO DA UNIDADE ESCOLAR
ANTÔNIO SERAFIM, EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA- PI**

**PICOS
2014**

ALANE DE OLIVEIRA GOMES

**O ENSINO DA LITERATURA DE CORDEL NO 7º ANO DA UNIDADE ESCOLAR
ANTÔNIO SERAFIM, EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura plena em Letras.

Orientador (a): Profª Ms. Fernanda Martins Luz.

PICOS-PI

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo**

G633e Gomes, Alane de Oliveira.

O ensino da literatura de cordel no 7º ano da unidade
escolar Antônio Serafim, em Santo Antônio de Lisboa Piauí – PI
/ Alane de Oliveira Gomes. – 2014.

CD-ROM : 4 ¼ pol. (58 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Profa. Me. Fernanda Martins Luz

1. Literatura de Cordel. 2. Ensino. 3. Nordeste. 4. Realidade
Social. I. Título.

CDD 398.2

ALANE DE OLIVEIRA GOMES

**O ENSINO DA LITERATURA DE CORDEL NO 7º ANO DA UNIDADE ESCOLAR
ANTÔNIO SERAFIM, EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora da Universidade Federal do
Piauí, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura plena em Letras.

Orientador (a): Prof^ª Ms. Fernanda Martins Luz.

Aprovada em: 24/08/2019

BANCA EXAMINADORA

Fernanda Martins Luz

Prof.^ª Ms. Fernanda Martins Luz

Orientadora – UFPI

Luiz Egito de Barros

Prof.^º Ms. Luiz Egito de Barros

Examinador-UFPI

Margareth Valdivino da Luz Carvalho

Prof.^ª Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho

Examinadora – UFPI

Dedico especialmente aos meus pais por estarem sempre presentes na minha vida, principalmente nesta etapa de desafios e superações, aos meus irmãos (ãs) que mesmos estando distante, sempre se fizeram presente em todos os momentos e aos meus sobrinhos por tudo que representam na minha vida. Sem a confiança, incentivo e a força de vontade de vocês, em não me deixar desanimar, essa conquista teria sido muito mais árdua e este caminho muito mais difícil de ser percorrido. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Fruto de muito estudo e dedicação, este trabalho contou com o apoio e a colaboração de muitas pessoas. E neste momento não posso esquecer aqueles que foram os maiores responsáveis por essa conquista, pois essa vitória não é só minha, mas de todos que me amam e estiveram comigo nesta caminhada, aos quais dedico os meus agradecimentos especiais:

A DEUS, pelo dom da vida, pela sabedoria, paciência e força que me proporcionou durante a realização desse trabalho, pelo progresso até aqui alcançado e pelas inestimáveis bênçãos com que conduz a minha existência. E por incansavelmente ter enxugado todas as minhas lágrimas e angústias e ouvido todas as minhas preces nas madrugadas de estudo e não ter me deixado desistir.

Aos meus pais pelo apoio, incentivo, amor, humildade e honestidade em mim depositados, pelo esforço que fizeram para que eu concluísse esse curso, pelos sábios conselhos, pelos exemplos e ensinamentos e por acreditarem em mim. Vocês são a razão da minha vida!

Aos meus irmãos e irmãs, pelo companheirismo fiel, amizade verdadeira, amor incondicional e por fazerem do meu sonho os seus, que mesmo longe sempre estiveram comigo em todos os meus momentos de desespero.

Aos meus sobrinhos que são os maiores presentes de Deus na minha vida, que mesmo com toda inocência do mundo conseguem me trazer tanta felicidade.

Ao meu conterrâneo e membro da Academia Brasileira Literatura de Cordel Beto Brito por me inspirar a trabalhar esse tema, e me ajudar nas pesquisas bibliográficas quando precisei.

As minhas amigas e colegas de apartamento Rafaela Cavalcante com quem muito aprendi, sendo para mim um exemplo, e Cris Mayara minha confidente e conselheira espiritual.

Aos meus amigos e familiares que não estão mais perto de mim fisicamente, mas espiritualmente em especial ao meu tio e padrinho seu Chagas, que foi o maior exemplo de simplicidade e honestidade que tive, e uma das pessoas que mais acreditou em mim, e que tenho certeza de que lá do céu continua olhando por todos que o amam.

Aos meus amigos por torcerem por mim e pela compreensão quando muitas vezes estive ausente.

A toda a equipe da Unidade Escolar Antônio Serafim, escola onde fiz minha pesquisa, e também estudei durante dois anos do ensino fundamental, agradeço a todos que sempre me recebem com tanto carinho e estão sempre dispostos a me ajudar.

Aos amigos que fiz durante o curso, com os quais compartilhei as mesmas angústias, alegrias, ansiedades, por tudo que aprendemos e crescemos juntos, pelo apoio e encorajamento, pela amizade que construímos e por fazerem parte da minha vida agora; em particular aqueles que estavam sempre ao meu lado, Susana Ellen, Edilson Silva, Elaine Nunes, Valtânia Rocha, amo vocês e que nossa amizade se estenda para além dos muros da Universidade.

A todos os professores do curso de Letras pela paciência, dedicação e ensinamentos que me proporcionaram durante todo esse tempo, por serem para mim exemplo de profissionais e de seres humanos.

A minha orientadora, Fernanda Luz, pela paciência, pelas palavras de encorajamento e por ter me ajudado a superar essa difícil etapa da minha vida. Que Deus abençoe sempre a sua vida e lhe dê ainda mais sabedoria e muitas felicidades ao lado da sua família.

Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado e que torceram por mim. Meu eterno AGRADECIMENTO!

*A educação precisa
De uma revolução
Mas é preciso coragem
Pra colocar em ação
Um projeto mais ousado
Que produza resultado
E uma transformação.*

*Precisamos ter consciência
Da nossa realidade
Com postura ideológica
Mais responsabilidade
Formar cidadãos críticos
Traços bem característicos
Da nova sociedade.*

Giordano Silva

RESUMO

A literatura de cordel trata-se de uma poesia popular que teve origem na Europa, chegando ao Brasil pelas mãos dos portugueses, desembarcando no Nordeste e adquirindo características desta região, sendo considerada importante fonte da cultura popular nordestina. Este trabalho destina-se a analisar de que forma a literatura de cordel contribui para o resgate de traços da cultura regional no 7º ano da unidade Escolar Antônio Serafim, na cidade de Santo Antônio de Lisboa, refletir seu valor no processo de ensino aprendizagem, identificar como este está sendo trabalhado pelos educadores, compreender como a literatura de cordel reflete na realidade social dos alunos e como incentivam os mesmos no interesse pela leitura. Para realização da pesquisa fez-se um levantamento bibliográfico sobre o tema com base em alguns autores como Diegues Jr (1977), Haúrelio (2010), Cascudo (1939), Santos(2012), Matos(2007) e Marcuschi(2005). Utilizou-se para realização da pesquisa de campo a técnica de entrevista semiestruturada, aplicada aos sujeitos, sendo eles, dez alunos e o docente. A partir da realização da pesquisa pode-se observar a necessidade de inserção da literatura de cordel para auxiliar no processo de ensino da Unidade Escolar Antônio Serafim, pois os docentes da instituição não fazem uso do cordel em sala de aula e conseqüentemente os alunos pouco conhecem sobre esta rica fonte de conhecimento da cultura do Nordeste.

Palavras-chaves: Literatura de cordel. Ensino. Nordeste. Realidade social.

ABSTRACT

Cordel literature it is a popular poetry which originated in Europe, arriving in Brazil by the Portuguese hands, landing in the Northeast and acquiring characteristics of this region, being considered an important source of northeastern popular culture. This work is intended to examine how the literature of string contributes to the rescue of traces of regional culture in the 7th year of unity Antonio Serafim School in the town of Santo Antonio de Lisboa, reflecting its value in the teaching learning process, identify as this is being worked on by trainers understand how cordel literature reflects the social reality of the students and they encourage the same interest in reading. To conduct the survey became a literature on the topic based on some authors as Diegues Jr (1977), Haúrelío (2010), Shelly (1939), Santos (2012), Matos (2007) and Marcuschi (2005). Was used to conduct the field research the technique of semi-structured interviews, applied to the subjects, namely, ten students and faculty. Upon completion of the survey can observe the need for insertion of the line to assist in the teaching of the School Unit Antonio Serafim literature because teachers do not make use of the institution of the string in the classroom and consequently students know little on this rich source of knowledge of the culture of the Northeast.

Keywords: Literature twine. Education. Northeast. Social reality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: A LITERATURA DE CORDEL: DAS ORIGENS À ATUALIDADE	14
1.1 A Literatura de Cordel no Brasil	15
1.2 Cantorias e Pelejas	20
1.3 Principais Cordelistas	21
1.4 Significações Sociais da Literatura de Cordel na Atualidade	24
CAPÍTULO II: O GÊNERO LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA	27
2.1 O Texto em Sala de Aula	27
2.2 A Diversidade de Gêneros Textuais em Sala de Aula.....	30
2.3 O Trabalho com o Gênero Literatura de Cordel em Sala de Aula.....	33
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	39
3.1 Metodologia.....	39
3.2 Análises de Dados	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	55

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel é uma poesia popular que teve origem em terras lusitanas e chegou ao Brasil a bordo das primeiras caravelas vindas da Europa, desembarcando no Nordeste e encontrando neste ambiente lugar propício para sua propagação, onde adquiriu características próprias desta região.

Como fonte da cultura popular nordestina vê-se a importância de trabalhar a literatura de cordel, pois seria uma educação voltada para a realidade do povo nordestino, mostrando para o educando uma visão de mundo que se assemelha a sua, por isso a decisão de fazer uma pesquisa mais abrangente sobre o tema tratado aqui.

A escolha deste tema deu-se por meio de observações feitas a respeito do não uso da literatura de cordel dentro da Unidade Escolar Antônio Serafim, por se tratar de uma literatura que faz parte da história do nordestino. É de grande valia se trabalhar com os temas expostos nos folhetos em sala de aula, se pensar também na possibilidade de ampliação do conhecimento do educando em âmbito escolar e também social.

O presente trabalho tem por objetivo analisar de que forma a literatura de cordel contribui para o resgate de traços da cultura regional dos alunos o 7º ano da unidade Escolar Antônio Serafim, na cidade de Santo Antônio de Lisboa, identificar como a literatura de cordel está sendo trabalhada na referida série do ensino fundamental desta Unidade Escolar, investigar os métodos de ensino usados pelo professor da escola pesquisada, se incentivam o uso da literatura de cordel, e saber como este tipo de literatura popular reflete na realidade social dos alunos e colabora no incentivo à leitura.

No primeiro capítulo faz-se um resgate histórico da Literatura de cordel, começando pelo seu aparecimento primeiramente em terras europeias, da sua chegada no Brasil pelas mãos dos colonos portugueses; fala-se também no decorrer do capítulo da literatura de cordel e do Nordeste, onde esta encontrou ambiente perfeito para a sua propagação, adquirindo traços culturais daquela região. Aborda-se também no primeiro capítulo um pouco sobre os percussores da Literatura de Cordel, e principalmente aquele que é considerado fundador dessa literatura, Leandro Gomes de Barros. Além de falar-se das características do cordel, como a oralidade, a presença de xilogravuras, dos principais temas e

personagens tratados nesta literatura, como cangaço, a seca, religiosidade e os seus personagens como Lampião e Padre Cícero.

É falado ainda no decorrer do referido capítulo sobre as cantorias e pelejas; vê-se neste tópico a importância do cantador para a propagação do cordel, trata-se também dos principais cordelistas brasileiros, onde são citados cinco cordelistas de renome, são eles Apolônio Alves dos Santos, Arievaldo Viana Lima, cego Aderaldo, Elias A. de Carvalho, Expedito Sebastião da Silva, onde é explanado um pouco da obra e da vida de cada um desses autores.

O primeiro capítulo encerra-se com o tópico que explana sobre a literatura de cordel na atualidade, sua significação na sociedade atual, o seu novo público leitor, que expandiu-se, as novas temáticas tratadas no cordel contemporâneo, a incorporação de diversos aspectos culturais e da sua resistência, chegando até o século XXI.

No segundo capítulo do referido trabalho, aborda-se o trabalho com o texto, a importância desse para o ensino de língua portuguesa, além de algumas sugestões de metodologias de trabalho com o mesmo.

Explana-se o conceito de texto sob a visão de alguns autores e enfatiza-se o trabalho com o texto por parte do professor, seja este utilizado com a finalidade de passar uma informação, propor uma discussão ou fazer uma avaliação usando-o como suporte. É cabível ao educador indicar textos que tratem da realidade de seus alunos, fazendo um elo entre o texto tratado e a vida cotidiana dos educandos.

Fala-se da importância de trabalhar o texto em sala de aula para auxiliar no processo de ensino aprendizagem, sobre o proveito do uso da diversidade de gêneros textuais em âmbito escolar para a formação de um sujeito crítico bem como possibilidades que o professor tem de trabalhar com estes diversos tipos de textos.

Os gêneros textuais servem como instrumentos mediadores no processo de ensino aprendizagem e trata-se neste trabalho especificamente do gênero literatura de cordel. Este por sua vez tem por objetivo principal levar para os alunos uma educação voltada para a realidade social em que vivem, proporcionando também um resgate da cultura da região Nordeste.

Com sua linguagem clara, breve e cotidiana, o cordel atrai leitores com grande facilidade, graças a suas rimas bem elaboradas e a quase sempre presença de traços humorísticos.

Então faz-se aos professores um convite a trabalhar com os folhetos de cordel em sala de aula das mais diversas formas, e pensar-se no cordel como instrumento metodológico didático que proporciona aos alunos o conhecimento do cotidiano.

No terceiro e último capítulo faz-se uma análise das entrevistas e observações realizadas com os alunos da Unidade Escolar Antônio Serafim, bem como da professora, com a abordagem a onze sujeitos, análise esta que segue a apresentação da metodologia usada para a realização do trabalho.

Analisa-se como o trabalho com o texto está sendo executado pelo professor, mas especificamente o texto de cordel, quais os gêneros textuais mais trabalhados em sala de aula, como estes são trabalhados, se são trabalhados e com que frequência.

Os principais autores que serviram de embasamento para a realização do referido trabalho foram: Diegues Jr (1977), Haúrelino (2010), Cascudo (1939), Santos (2012), Matos (2007) e Marcuschi (2005), sendo suas obras fundamentais para a defesa deste tema.

Ressalta-se aqui a relevância do trabalho com os folhetos de cordel na Unidade Escolar Antônio Serafim, tendo em vista apresentar as vantagens do uso do cordel, numa perspectiva de melhorar o ensino da referida escola, possibilitando a seus alunos uma educação voltada para a realidade em que estão inseridos.

No decorrer do trabalho são apresentadas todas as vantagens de se trabalhar o texto literatura de cordel em âmbito escolar, de levar este para próximo dos alunos da Unidade Escolar Antônio Serafim.

Portanto aborda-se no tópico que segue o gênero literatura de cordel, fazendo um aparato histórico das suas origens em terras europeias, da sua chegada ao Brasil e de como esta encontra-se na atualidade.

CAPÍTULO I: A LITERATURA DE CORDEL: DAS ORIGENS À ATUALIDADE

Este primeiro capítulo tem por objetivo abordar a trajetória da Literatura de cordel do seu surgimento na Europa, que apesar das muitas disparidades em relação as datas, sabe-se que deu-se por volta do século XVII e permanece até os dias atuais. Além disso, objetiva-se fazer um apanhado das suas principais características, e apresentar os seus precursores.

Como dito anteriormente, a literatura de cordel teve sua origem na Europa medieval, primeiramente na região de Provença, na França, e em seguida espalhou-se pela Alemanha, Portugal, Itália, Holanda, Espanha e Inglaterra. Linhares afirma que o grande apogeu da Literatura de cordel se deu em Portugal, como pode-se ver no trecho transcrito abaixo:

A literatura de cordel teve sucesso em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII. Os textos podiam ser em verso ou prosa, não sendo invulgar trata-se de peças de teatro, versavam sobre os mais variados temas. Encontram-se farsas, historietas, contos fantásticos, escritos de fundo históricos moralizantes, etc., não só os autores anônimos, mas também daqueles que, assim, viram a sua obra vendida a preço, como Gil Vicente e Antônio José da Silva, o Judeu. Exemplos mais conhecidos de literatura de cordel são histórias de Carlos Magno e os Doze Pares de França, A princesa Magalona, Histórias de João de Calais e A Donzela Teodora (LINHARES, 2006, p.17).

Percebe-se com essa afirmação de Linhares que a literatura de cordel também era apresentada em forma de teatro o que demonstra que o cordel ultrapassava as barreiras do anonimato e eram feitos por grandes nomes como Gil Vicente e Apolônio José da Silva.

A origem da literatura de cordel se atribuiu a “folhas volantes” e esse nome se consagrou entre nós e muitas vezes eram chamadas de “folhas soltas”. Antes da propagação da imprensa, os registros da poesia popular do povo português eram feitos em cadernos manuscritos.

As folhas soltas ou folhas volantes eram vendidas em praças, romarias, feiras ou ruas; como já citado, era um trabalho manuscrito que se propagava entre ouvintes e leitores, ali contavam histórias de fatos ocorridos, geralmente em ciclos que atraíam inúmeros adeptos.

Segundo relatos de alguns estudiosos, essas “folhas volantes” pressas a cordéis eram vendidas por cegos a baixo custo, como é possível observar na

afirmação de Saraiva e Braga (1982) “que se estabeleceu o privilégio aos cegos de venderem a literatura de cordel, o que lhes foi concedido por provisão régia” (*apud* DIÉGUES JR, 1977, p.5).

Porém essa profissão não foi concebida somente ao cego, mas também outros vendedores comuns eram os “camelôs”. O que realmente chamava a atenção do comprador era a entoação dessa poesia, cantada pelos seus vendedores muitas vezes com ajuda de instrumentos.

Toda essa bagagem veio para solo brasileiro trazida pelos colonos de Portugal, com isso essa tradição se fixava no Nordeste e passava a fazer parte da literatura popular deste local.

1.1 A literatura de cordel no Brasil

“A literatura de cordel vem de Portugal” (DIÉDUES JR, 1977, p.3). Chegou a bordo das primeiras caravelas vindas da Europa. Os europeus trouxeram o cordel nas suas bagagens através das “folhas soltas” ou até mesmo em manuscritos. Porém, só apenas no século XIX, através das pequenas tipografias, é que a literatura de cordel se fixa no Brasil como literatura popular. A esse respeito, Haurélio (2010, p.16) afirma:

Assim, uma tradição com forte carga simbólica foi se aculturando e se expandindo com as levas de colonos estabelecidos no novo mundo, possibilitando uma ampla divulgação da poesia tradicional no continente.

A literatura de cordel encontrou no Nordeste ambiente ideal para a sua fixação, e foi se modificando e adquirindo novas características próprias daquela região, tendo como suporte as condições sociais de constituição do Nordeste, conforme destaca Sales (1985, p. 25): “produto cultural de origem europeia, o cordel, ou folheto de literatura popular desenvolveu-se e aperfeiçoou-se - principalmente no Nordeste”.

Este, por sua vez, compõe vasto acervo de manifestações literárias, quase sempre versificadas e, em geral, de autor desconhecido. A literatura de cordel dá um sentido de uniformidade às criações dos poetas populares pela circunstância especial de se apresentar impressa, reproduzida de textos previamente manuscritos.

O primeiro folheto brasileiro foi encontrado por Origenes Lessa, em 1865 e publicado na capital de Pernambuco. O referido folheto escrito sobre modelo de testamentos de animais, apreciados pela literatura de cordel de Portugal, fala sobre os acontecimentos da vida pernambucana.

Segundo Cascudo (1939, p. 16), os folhetos foram introduzidos no país pelo cantador Silvino Pirauá de Lima, pelo menestrel João Martins de Athayde e pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista.

Leandro Gomes de Barros é considerado o fundador da literatura de cordel, ele nasceu no Sítio Melancia no então município de Pombal, no estado da Paraíba. De acordo com Haurélio (2010, pág. 21), não é absurdo afirmar ser este autor o “pai da literatura de cordel brasileira”, já que explorou e deu forma a todos os gêneros e temas, preparando, assim, a estrada na qual os vates populares transitam até hoje.

Com Leandro surgiu o escritor que publicava e distribuía suas obras, fato este que se fez cada vez mais presente nos momentos de descontração do homem sertanejo, que reuniam-se em torno de alguém que soubesse ler e apreciavam os romances deste autor.

O cachorro dos mortos, Os sofrimentos de Alzira, Juvenal e o dragão, A força de amor, A peleja de Manoel Riachão com o diabo, A história da donzela Teodora, O boi misterioso, essas foram algumas das obras de sucesso que ultrapassaram milhões de exemplares vendidos; nenhum autor desse gênero superou o número de leitores de Leandro Barros.

Outra característica dos cordéis é a presença de oralidade, pois apesar de escrito vê-se a existência de um narrador oral. Essa tradição oral é uma forma de resguardar a memória popular, ocorrendo à transformação de fatos cotidianos em folhetos de cordel. Entende-se a literatura de cordel nordestina como mediadora entre o oral e o escrito.

O cordel nordestino é considerado oral, pois sua linguagem simples e de fácil memorização possibilitava aos sertanejos decorar os textos e, assim, transmiti-los oralmente. A respeito da forma de propagação do cordel nos sertões do Nordeste, Santos (2012, p. 12) destaca:

A literatura de cordel muitas vezes era propagada por poetas populares que andavam pelos sertões, cantado e levando versos seus e de outros autores por onde passavam, tratavam geralmente

de temas vividos pelos espectadores, falam também de contextos históricos, religião, heróis e lendas.

Quando impressa, à literatura de cordel era acrescentada “xilografias”, técnica introduzida por João Martins de Athayde que agraciava os livretos de cordel com ilustrações, tornando-o ainda mais atraentes. Para Medeiros (2002, p. 23).

A adoção da xilogravura na imprensa nordestina, principalmente no interior, foi decorrência dos altos preços e dificuldades de aquisição das pedras calcárias importadas, imprescindíveis à boa reprodução litográfica, técnica mais comum para a produção de baralhos, rótulos de cigarros, de remédios e de aguardente. O processo mais moderno de reprodução de imagens em zincogravura era, à época, demasiadamente caro para o sertão.

Etimologicamente, a palavra xilogravura é composta por *xilon*, do grego, e por *grafó*, também do grego *xilon* significa madeira e *grafó* é gravar ou escrever, assim, xilogravura é uma gravura feita com uma matriz de madeira; simplificando, pode-se dizer que é um processo de impressão com o uso de um carimbo de madeira (NOGUEIRA, 2009, p.4).

Os principais temas tratados nas histórias de cordel são as histórias do ciclo do cangaço, folhetos jornalísticos que falam de notícias locais e nacionais que tiveram grande repercussão, biografias, sátiras de cunho social e político, desafios e pelepas, temas educativos e por ter linguagem de fácil entendimento muitas vezes são usadas também em campanhas políticas e de esclarecimento público.

Na literatura de cordel nordestina encontram-se diversos personagens nascidos do cotidiano do povo, como Padre Cícero e Lampião, “Rei do cangaço”, sendo este último um dos principais personagens das narrativas de cordel, representando um símbolo de resistência do homem sertanejo.

Através do cordel o Nordeste começou a falar de si e a buscar seus heróis não mais nas histórias de cavalaria, mas sim nos cangaceiros que representavam, em muitos folhetos, a luta contra a injustiça social. Foi um marco decisório para o gênero, afirma Santos (2012, p.16).

Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido pelo apelido de Lampião foi o principal e mais conhecido personagem no cangaço brasileiro, marcando presença também nas páginas de cordéis. Nasceu na cidade de Serra Talhada em Pernambuco no ano de 1897 e juntamente com seu bando percorreu o Nordeste,

sendo considerado para aquele povo um herói, temido por alguns e admirado por outros. Para Luís Câmara Cascudo (1984, p. 160- 161):

O sertanejo não admira o criminoso, mas o homem valente [...] Para que valentia justifique ainda melhor a aura popular na poética é preciso a existência do fator moral. Todos os cangaceiros são dados inicialmente como vítimas da injustiça. Seus pais foram mortos e a justiça não puniu os responsáveis. A não existência desse elemento arreda popularidade o nome do valente. Seria um criminoso sem simpatia do homem valente.

O mais conhecido folheto que fala sobre o “rei do cangaço” é *A chegada de lampião no inferno* de autoria do cordelista José Pacheco da Rocha. Haúrelio em sua citação refere-se ao folheto em questão (2010, p. 61) afirmando que:

Nele, a notícia trazida pela alma penada de um cangaceiro, certo Pilão Deitado, dá conta da confusão dos diabos (sem trocadilhos) provocada pelo capitão recém-chegado as profundas. Composto em sextilhas, desde o início este folheto exerce um fascínio irresistível no leitor, graças ao humor no mesmo tempo ingênuo e malicioso”.

Vê-se a seguir um trecho do cordel em questão, que como já foi mencionado é um dos mais famosos dos muitos que fazem referência a Virgulino Ferreira. “OLampião”

Um cabra de Lampião
por nome Pilão Deitado
que morreu numa trincheira
um certo tempo passado
agora pelo sertão
anda correndo visão
fazendo mal assombrado

Foi ele que trouxe a notícia
que viu Lampião chegar
o inferno nesse dia
faltou pouco pra virar
incendiou-se o mercado

morreu tanto cão queimado
que faz pena até contar[...]
(Rocha, 1935, p. 2)

Com esse trecho de cordel percebe-se como o autor de forma humorística usa sua criatividade para levar o leitor a uma viagem através dos seus versos simples e envolventes.

O folheto (cordel) estabelece uma via de transição entre uma realidade dura, muitas vezes dramática, e um mundo imaginário que lhe fornece as chaves da compreensão da realidade. Essa passagem servirá tanto para aproximar o cotidiano do sonho, quanto para inserir a história maravilhosa na vida de todos os dias.

Os versos são uma memória, um documento, um registro escrito pelos cordelistas em linguagem popular, utilizando narrativas para passar mensagens que seriam do interesse do povo, em uma linguagem que o povo entenda. (BEZERRA, 2011.p.16).

Hoje afirma-se que a literatura de cordel assume características pertencentes à fisionomia da cultura. Para Diégues alguns fatores que contribuíram para isso foram a organização da sociedade que na época era patriarcal, manifestações de missionários, o surgimento dos cangaceiros e seus bandos, problemas climáticos da região, neste caso a seca, que se alastrava por longos períodos de tempo e provocava assim problemas financeiros e sociais, as disputas entre famílias rivais, dentre outros motivos que impulsionaram o surgimento de cantadores como porta voz do pensamento coletivo e também das manifestações da memória popular.

A migração do nordestino para outros estados do país, em busca de melhores condições de vida, fez com que esta cultura se espalhasse por todo o Brasil, pois levavam consigo na bagagem a literatura de cordel. Pode-se citar como outros estados divulgadores dessa literatura São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiás, Belém do Pará, Rondônia, Brasília, e Amazônia.

Quanto a sua estrutura, o cordel classifica-se em quintilha (cinco versos), sextilha (seis versos), setilha (sete versos), quadrão (oito versos) e décima ou martelo (dez versos).

O cordel foi sendo modificado adquirindo novas formas de apresentação, formato maior, capa colorida, com ilustrações semelhantes aos gibis, porém os temas continuaram os mesmos, até porque boa parte dos trabalhos eram de retomadas de antigas histórias.

O termo “literatura de cordel” foi difundido e consolidado no Brasil graças ao público intelectualizado na década de 60, que tinha acesso às manifestações literárias e culturais ibéricas. Antes disso, os cordelistas se autodenominavam poetas populares (MATOS, 2007, p. 11).

1.2 Cantorias e pelepas

O Cordel está fortemente ligado ao Nordeste e à oralidade, por isso é importante ressaltar a figura dos cantadores, e dentro dessa perspectiva ressalva-se as cantorias e pelepas. Martins, Spirlandelli e Magalhães (2008, p.29) salientam:

Nos folhetos de cordel, cantorias e pelepas constituem um conjunto por sua especialidade. Por vezes, a pelepas é chamada de desafio, sendo ela um aspecto da cantoria, ou seja, quando ocorre o encontro de dois cantadores e revelam, então, seus conhecimentos por meio de sextilhas, martelos, décimas, martelos agalopados, gemediras, etc.

Não é frequente o registro de pelepas em folhetos, pois na maioria das vezes os cantadores analfabetos não registram suas cantorias e por esse motivo nem sempre o autor do folheto é o próprio cantador.

Atualmente não são constantes as cantorias como ocorriam outrora com tanta frequência, já não é mais um movimento considerado atraente. Podemos dizer que o desafio se iguala à cantoria, executando “o que cada cantador, em versos, pode dizer de mais expressivo, característico, de espontâneo, em relação às pessoas presentes à cantoria ou fatos então acontecidos” (DIÉGUES JR, 1977, p. 16).

Geralmente escolhe-se um tema para seguir a cantoria, onde inicia-se com uma cordial apresentação dos cantadores, apresentado seus desafios já vencidos, sua naturalidade e proezas. Outro ponto levantado por DIÉGUES JR (1977, p. 16) é o seguinte:

se os cantadores estão em casa de residência ou terreiro de fazenda, é de costume saudarem os donos ou as pessoas presentes, louvando os méritos de uns, criticando a outros, de modo a atrair a atenção do auditório.

A louvação faz parte da abertura da cantoria, o cantador louva os convidados ali presentes, os donos da residência e seu próprio adversário, quando se tem mais de um cantador.

O cantador é convidado pelo dono da residência, mas na maioria das vezes tem seu trabalho pago pelos próprios convidados, que de forma espontânea fazem doações aos cantadores, e esses por sua vez sempre agradecem em forma de louvação. Os cantadores abordam temas diversos em suas apresentações e

sempre estão prontos para improvisar, pois muitas vezes a plateia é que propõe temas para serem cantados.

1.3 Principais cordelistas brasileiros

Dentro do cenário da literatura popular, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) destaca cinco grandes cordelistas do Brasil, sendo eles Apolônio Alves dos Santos, Arievaldo Viana Lima, cego Aderaldo, Elias A. de Carvalho e Expedito Sebastião da Silva.

Para fazer um estudo detalhado da literatura de cordel, acredita-se ser imprescindível falar dos seus produtores, esses que levam a sua realidade social através da arte de narrar e de escrever histórias. Assim, passamos no parágrafo seguinte a discorrer um pouco mais sobre a vida e obra de alguns cordelistas.

Apolônio Alves dos Santos nasceu em Guarabira no estado da Paraíba, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1950, onde trabalhou como pedreiro até conseguir viver de sua poesia. Seu primeiro folheto foi *Maria cara de pau e o príncipe Gregoriano*. No ano de 1998 veio a falecer em Campina Grande, deixando mais de cento e vinte folhetos publicados. Veja-se um trecho do cordel do referido autor:

Discussão do Carioca com o Pau-de-Arara:

Já que sou simples poeta
poesia é meu escudo
com ela é que me defendo
já que não tive outro estudo
vou mostrar para o leitor
que o poeta escritor
vive pesquisando tudo

Certo dia feriado
sendo o primeiro do mês
fui tomar uma cerveja
no bar de um português
lá assisti uma cena
agora pego na pena
para contar pra você[...]
(SANTOS, 1950, p. 3)

Percebe-se que Santos(1950), como a grande maioria dos poetas populares, é um homem de pouca instrução, pedreiro que mesmo com pouco estudo demonstra muito talento ao escrever seus versos de cordel.

Seguindo tem-se o ilustre Arievaldo Viana Lima, cearense da cidade de Quixeramobim, além de poeta popular era radialista e publicitário, começou a publicar seus folhetos no ano de 1989 com o lançamento de uma caixa com dez títulos chamada coleção *Canção de fogo*. É criador do projeto ACORDA CORDEL na sala de aula, projeto esse que utiliza a literatura de cordel na alfabetização de jovens e adultos. Tem cerca de cinquenta folhetos e dois livros publicados. Reproduz-se a seguir um dos seus sucessos de cordel, *A história da rainha Esther*.

Supremo Ser Incriado
Santo Deus Onipotente
Manda teus raios de luz
Ilumina a minha mente
Para transformar em versos
Uma história comovente

Falo da vida de Ester
Que na Bíblia está descrita
Era uma judia virtuosa
E extremamente bonita
Por obra e graça divina
Teve venturosa dita[...]
(LIMA, 1989, p.3)

A história da Rainha Esther sem dúvida é uma das mais belas, uma heroína do povo Judeu, que ricamente foi retratada nas páginas da poesia popular de Lima e encantou a todos com essa nova roupagem, mais envolvente e simplificada.

Cantador famoso do sertão do Ceará, Aderaldo Ferreira Araújo vulgo “cego Aderaldo”, nasceu no Cariri mais precisamente na cidade de Crato, viveu boa parte da sua vida em Quixadá. A vida de Aderaldo não foi fácil. Aos dezoito anos ficou órfão de pai e quinze dias depois perdeu a visão.

Aderaldo percorreu muitas cidades do sertão. Logo depois da morte de sua mãe, ele percorreu quase todo o Ceará, boa parte do Piauí e algumas localidades em Pernambuco. Assim como muitos nordestinos, Cego Aderaldo deixa a sua região fugindo da seca desoladora, e por onde passava era prestigiado, aumentando a cada dia a sua fama. Quando retorna ao Nordeste conhece duas ilustres figuras, Padre Cícero Romão Batista e Virgulino Ferreira, o famoso lampião, “rei do cangaço”. Sem dúvida, Cego Aderaldo é um dos personagens mais importantes no cenário nordestino, fazendo parte da cultura popular desta região.

Por sua vez destaca-se Elias A. de Carvalho, natural de Timbaúba-Pernambuco, que desempenhou com êxito várias profissões, pois além de poeta foi

também emérito sanfoneiro, repentista e versejador. Além disso, foi diplomado enfermeiro e escreveu vários trabalhos. Mesmo com tantas profissões, teve papel de destaque no âmbito da cultura popular, sendo considerado um dos principais escritores de folhetos.

Destacamos agora o grande Expedito Sebastião da Silva, que nasceu em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, em 20 de janeiro de 1928 e viveu toda sua vida naquela mesma terra. Além de poeta, foi tipógrafo e revisor de gramática. De origem camponesa, conseguiu concluir a quarta série do ginásio. Desde seus primeiros anos escolares rascunhava poemas. Seu primeiro poema foi *A moça que depois de morta dançou em São Paulo*. Expedito era cuidadoso com a rima e também com a métrica, e tinha o costume de revisar as obras de outros autores.

Dos cordelistas piauienses destaca-se Firmino Teixeira do Amaral, este nasceu no povoado de Amarração (Luiz Correia) e ainda muito jovem mudou-se para Belém do Pará. Firmino escreveu a famosa peleja de cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, esta chegou a ser gravada por músicos como Nara Leão e João do Vale. Observa-se um trecho da poesia *Peleja de Cego Aderaldo e Zé Pretinho*:

[...]
 O dono da casa disse:
 Zé Preto pelo comum
 Dá em dez ou vinte cegos
 Quanto mais sendo só um;
 Mandou ao Macumanzeiro
 Chamar José do Tucum
 Chamou um dos filhos e disse
 Meu filho, você vá já
 Dizer a José Pretinho
 Que desculpe eu não ir lá
 E ele como sem falta
 À noite venha por cá
 Em casa do tal Pretinho
 Foi chegando o portador
 Foi dizendo: Lá em casa
 Tem um cego cantador
 E meu pai manda dizer
 Que vá tirar-lhe o calor
 Zé Pretinho respondeu:
 - Bom amigo é quem avisa
 Menino, dissei ao cego
 Que vá tirando a camisa
 Mande benzer logo o lombo
 Que eu vou dar-lhe uma pisa [...].
 (AMARAL, 1916, p.5)

Os trechos do cordel acima referem-se a uma peleja, disputada entre cego Aderaldo e o repentista piauiense Zé pretinho. Vê-se que os poetas fazem uso de forma especial de uma linguagem rimada e metrificada.

A referida peleja foi dita por muitos como real, mas há quem defenda que tudo faz parte da imaginação do autor. Todas as obras de Amaral são de grande destaque no cenário da literatura de cordel, este poeta foi o precursor do gênero trava línguas dentro dos desafios e pelejas.

Contudo, é notória a importância do cordelista para a cultura popular brasileira e o significado que suas obras desempenham na sociedade. “A identidade desses autores se confunde com a do grupo, ressalvada sua condição de portador de uma herança cultural e literária, cujas raízes se perdem no tempo e na memória coletiva”. (GRILLO, 2013, p. 3). O cordelista torna-se porta voz do povo, e leva em suas estrofes de versos a identidade de um povo, de um grupo social e da região em que vive.

Através das biografias dos cordelistas e trechos de suas obras, pode-se perceber que todos trazem características comuns. Além de serem reconhecidos como grandes produtores de folhetos, são também todos originários de regiões interioranas do Nordeste e levam em suas obras suas vivências, suas lendas e a história de um povo de tão vasta cultura que é compartilhada através dos seus trabalhos.

1.4 Significações sociais da Literatura de Cordel na atualidade

Em meio a tudo que foi exposto, nota-se a importância da literatura de cordel e seu indispensável papel social que exerce, sobretudo no Nordeste e essa significação social se dá principalmente na medida em que os acontecimentos são registrados e transmitidos para a grande população, incluindo-se aí o homem do campo, o semianalfabeto. A literatura de cordel abrange tanto as rodas de conversas do sertanejo como também as academias.

O público leitor dos cordéis mudou com o tempo, houve maior divulgação dessa literatura e ela passou a ser apreciada por um maior público. Para Viana (2006, p.1), o cordel hoje está atingindo um público muito diversificado. Não são mais aquele público tradicional, composto em sua maioria por trabalhadores da

periferia ou o sertanejo. Hoje o cordel está nas universidades, nas escolas, nas feiras, ocupando todos os espaços, inclusive a internet.

Atualmente o cordel também conta a histórias do dia a dia. Usando de ironia e sarcasmo faz denúncias, fala de temas atuais e assuntos que estão em repercussão, e os personagens agora não mais cangaceiros, mas políticos, personalidades da mídia, escritores, dentre outros que se destacam no cotidiano do povo.

Segundo Matos (2007, p. 11), hoje, mais do que nunca, o chamado gênero biográfico é amplamente utilizado e divulgado. Além disso, há um outro painel humano que não mais a saga nordestina com o cangaceiro. Os personagens agora são escritores, políticos, estadistas e intelectuais, que ganham um novo registro histórico, além dos verbetes e monografias oficiais, por exemplo.

O cordel incorporou vários aspectos culturais e está presente em diversos âmbitos como na literatura, na música e artes gráficas, e atualmente vê-se o cordel como uma das principais representações da cultura do nordestino. Entende-se que a literatura de cordel é uma prática cultural, conforme destaca Pesavento (2004, p.5). A cultura é ainda um meio de expressão e realidade que se faz simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos autores populares se apresentam de forma cifrada, por ser um significado e uma apreciação valorativa. Sendo assim, o cordel representa a sociedade por meio da história cultural, então trata-se, mais do que qualquer coisa, de pensar a cultura com um conjunto de significações construído pelo próprio homem sertanejo, com o objetivo de entender a si mesmo e o mundo a sua volta.

Sobre a literatura de cordel houve uma dúvida em relação a sua resistência e estabilidade em pleno século XXI, pensou-se que o cordel não resistiria ao avanço da tecnologia; ao contrário vê-se que o cordel e os cordelistas evoluíram junto com o avanço dos conhecimentos científicos em prol dos antigos folhetos, antes os cordelistas na grande maioria das vezes semianalfabeto, atualmente são doutores, e esta arte antes vista como a literatura dos incultos, hoje é rica e respeitada, apreciada e vista como rica e original, tornando-se objeto de análise para muitos estudiosos.

Numa discussão sobre tradição e mídia Thompson (1998, p.160) explica que: “a tradição não foi destruída pela mídia, mas antes transformada ou ‘desalojada’ por ela”. Pode-se citar como exemplo as revistas e jornais que nos

últimos anos publicaram várias matérias divulgando a literatura de cordel, sobre como apresenta-se essa cultura e como esta é difundida em seus vários âmbitos.

No século XXI a literatura de cordel continua um potente meio de comunicação, enquanto expressão cultural muitas vezes reinventada e adaptada no que diz respeito ao desenvolvimento das suas funções na sociedade. O cordel informa, diverte, socializa e poetiza evoluindo com a humanidade.

CAPÍTULO II: O GÊNERO LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA

Neste segundo capítulo aborda-se sobre o texto em sala de aula, sobre o trabalho que o professor de língua portuguesa faz com os mesmos, de modo especial o gênero literatura de cordel, buscando-se refletir como esta pode contribuir no processo de ensino aprendizagem, incentivar a leitura e levar para o âmbito de sala de aula um pouco da cultura nordestina. Assim, no tópico seguinte discute-se o trabalho com o texto em sala de aula.

2.1 O texto em sala de aula

Para falar sobre o texto no ambiente escolar precisa-se primeiramente discutir alguns conceitos de texto sob a ótica de autores que se destacam nesta área.

Para Fávero e Koch (2000, p. 25), o conceito de texto apresenta duas acepções. Primeiramente o texto é designado em sentido mais amplo como:

Toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema, etc), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação.

Percebe-se nesta passagem que a concepção textual vai muito além dos textos escritos e previamente organizados. No dia a dia estamos rodeados de manifestações que dizem tanto ou mais do que um texto escrito segundo a visão padrão.

Outra concepção distinta concebe o texto em um sentido mais restrito, como pode-se observar no trecho a seguir:

O texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade (FÁVERO, 1991, p. 7).

Neste sentido, nota-se a preocupação com o interlocutor, com quem receberá o texto, pois é preciso ser coerente e coeso para que haja um bom entendimento. É ponto relevante também a situação e a intenção daquele texto, se é comunicativa, informativo e etc. Nessa acepção de texto há uma maior preocupação com a organização interna dos elementos discursivos, aspecto este que atribui maior importância à organização formal dos enunciados.

O texto passa a ser visto como o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes, mas, sobretudo, a sua reconstrução no momento da interação verbal (KOCH, 2008, p. 31).

Em meio à diversidade de concepções acerca da noção de texto, estas mantêm em comum a visão de que o texto é um elemento indispensável para o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, é fundamental que o professor insira nas suas aulas textos que retratem o conteúdo trabalhado com seus alunos, para que estes desenvolvam o interesse pela leitura. A respeito disso, Martins e Souza (2009, p.13) destacam que:

Os textos são uma rica mediação de que dispomos, e dentro desse campo, a literatura se apresenta como aliada para prática docente, pelo vasto conjunto que compõe suas obras. Entretanto percebemos que não basta só ter textos em sala de aula, seja ele literário ou não. O que precisamos é de uma nova postura de trabalho frente a esses materiais. O professor necessita de uma metodologia que seja adequada às necessidades cotidianas da sala de aula.

Assim, os textos usados em sala de aula devem ser condizentes com a realidade dos alunos, bem como adequados às necessidades dos agentes envolvidos no processo de ensino aprendizagem, que vivenciam diariamente nas salas de aula a dura realidade de seus alunos, proporcionando, assim, um entendimento maior por parte dos mesmos. Para tanto,

Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, exige uma modalidade de leitura. Há textos que podem ser lidos apenas por

partes, buscando-se a informação necessária; outros precisam ser lidos exaustivamente e várias vezes. (BRASIL, 1998, p. 57)

O educador ao indicar um texto para seus alunos deve ter em mente os objetivos a serem alcançados, não se deve indicar leituras aleatórias que não se encaixem com o que está sendo trabalhado em sala de aula. Dessa forma, é preciso saber em que nível de leitura os seus alunos se encontram.

Na sala de aula o trabalho com o texto é norteador, não só para o ensino de língua portuguesa, mas também para outras disciplinas. O trabalho com o texto em âmbito escolar auxilia no processo de aprendizagem dos educandos, tornando-os mais críticos e preparados para a vida na escola e fora dela.

Para Geraldi (2001, p.63) “o importante é fazer com que o aluno adquira gosto de ler pelo prazer de ler, não em razão das cobranças escolares. É preferível que um aluno logre o professor dizendo que leu um livro que não leu, a estabelecer critérios de leitura”. Na afirmação de Geraldi, percebe-se o quão é importante atrair novos leitores de forma prazerosa e não de forma punitiva, é preciso que o aluno veja a leitura de textos não como uma obrigação, mas como uma forma de ampliar seus conhecimentos de forma aprazível.

Em relação ao ensino de língua portuguesa, os PCN's evidenciam a importância dos textos no processo de ensino aprendizagem, assim como na leitura em sala de aula. Como exaltam os PCN's, os textos são instrumentos

[...] que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (BRASIL, 1997a, p. 26).

Tendo em vista as exigências da sociedade, em relação à capacidade de se sobressair em diversas situações, é necessário que aconteça em sala de aula um trabalho crítico, para que o aluno saia do âmbito escolar preparado para interagir e participar de tudo que lhe é exigido.

É essencial para a formação de um cidadão crítico o contato com o texto, pois só através das leituras e trabalhos com o mesmo o aluno sai preparado para a sociedade que muito exige, cabendo ao professor despertar esse posicionamento crítico e reflexivo.

Outro ponto importante a ser levantado é no diz respeito ao conhecimento prévio do aluno antes do contado com o texto, pois para entender um texto ele já deve vir munido de leituras anteriores, tanto de textos, como do social.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (KLEIMAN, 2004, p. 13).

Por isso busca-se através dos textos um contado mais próximo da realidade, para resgatar os conhecimentos de mundo, bem como os linguísticos e textuais, para que assim o leitor se torne capaz de apresentar o sentido do texto e assim dar suporte ao processo de ensino aprendizagem.

Sabe-se que muitos alunos têm o contato com o texto apenas na escola, e somente quando são solicitados pelos educadores; alguns veem os textos com rejeição e não como algo prazeroso e satisfatório.

Defende-se a prática escolar com o texto em sala de aula como um direito de todos os alunos, seja ele de escola pública, privada, rico ou pobre, é dever da escola proporcionar aos seus educandos contato com o texto, para que assim se apropriem dos conhecimentos neles presentes.

Outro ponto aqui defendido é a questão multiplicidade de gêneros que devem ser trabalhados em sala de aula. Destaca-se no próximo tópico o quão é importante fazer este trabalho com os educandos, sendo estes gêneros uma forma de aquisição do conhecimento.

2.2 A diversidade de gêneros textuais em sala de aula.

Neste tópico aborda-se a importância de se trabalhar com a diversidade de gêneros textuais em sala de aula, pois sabe-se que existe uma grande diversidade de gêneros textuais na sociedade, no entanto nem todos estão presentes no âmbito escolar.

Marcuschi (2003, p.1) conceitua gêneros textuais como sendo fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades do dia a dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontáveis em qualquer situação comunicativa.

Sabe-se da importância de trabalhar com a diversidade de gêneros textuais no processo de leitura e de ensino aprendizagem, gêneros como folhetos impressos e manuscritos, propagandas, história infantil, notícia e reportagens científicas, charge, histórias em quadrinhos, dentre outras que fazem parte desta vasta variedade de gêneros que podem e devem fazer parte do dia a dia das escolas.

Marcuschi (2005, p.19) fala da importância do trabalho da leitura em sala de aula, primando pelos gêneros textuais mais presentes na sociedade, pois segundo o referido autor, os gêneros são formações interativas, multimodalizados e flexivos de organização da sociedade e também da produção de sentido dos mesmos.

Os gêneros textuais sempre estão em mutação. Com o avanço da tecnologia surgem novos gêneros e outros ficam ultrapassados e caem em desuso, então para que estes gêneros adquiram funcionalidade na sala de aula, o professor deve criar métodos que os tornem dinâmicos e úteis, conforme destaca Bonini (2005, p. 18):

Precisamos expor gêneros que sejam interativos cognitivos e com qualidade, e assim, efetivar um trabalho com a língua em funcionamento com critérios dinâmicos e ao mesmo tempo social e linguístico.

Os gêneros são formas de organização da sociedade e da produção de sentido, os gêneros são dinâmicos, então deve-se aliar o trabalho com o gênero ao seu dinamismo e também ao social e linguístico.

O desafio do professor é criar maneiras de levar essa diversidade de gêneros para as aulas, como forma de interação do aluno com a sociedade, pois proporcionar aos alunos o contato com novos textos não é o bastante, tem-se que encaminhar-lhes reflexões sobre cada um deles.

Bakhtin (2003, p. 285) afirma que é preciso conhecer o gênero, para que possam assim ser empregados livremente.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

É preciso conhecer os gêneros a fundo, saber manuseá-los, descobrir as características individuais de cada um, pois quanto mais se conhece sobre os gêneros mais temos liberdade de fazer o emprego dos mesmos em sala de aula e também fora dela.

Infelizmente ainda muitos professores prendem-se somente ao livro didático, que apesar da sua importância no processo de ensino aprendizagem, não deve ser o único aliado do educador, cabendo a ele buscar outros suportes.

O gênero textual é uma ferramenta que serve de auxílio para a ampliação do conhecimento do professor e também dos seus alunos na escola.

[...] é devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente reconstruídas. Disso decorre um princípio que funda o conjunto de nosso enfoque: o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queiram ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda a estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esse objeto de aprendizagem requer. (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Os gêneros textuais funcionam como instrumentos mediadores do processo educativo e como suporte necessário e inesgotável para o ensino da textualidade. O conhecimento aprofundado de suas características fornece a base de moldes para organizar as atividades pretendidas de ensino que o referido gênero necessita.

A diversidade de gêneros em sala de aula ajuda o professor a transformar seus alunos em leitores fluentes, bons produtores de textos e também cidadãos críticos e preparados para as mais diversas situações, mas é preciso que o aluno, antes de tudo saiba a função daquele determinado gênero textual e o professor qual a finalidade a ser atingida.

No referido trabalho aborda-se sobre o gênero literatura de cordel, que é um gênero da cultura popular, que adquiriu características da história do povo

nordestino. Esses cordéis abordam vários temas, e assumem várias formas de organização textual e também diversificados tipos textuais, como festas populares, autos, vidas de entidades religiosas, testamentos, palestras, disputas, pelejas, dentre muitas outras.

Neste gênero textual é muito comum a presença de humor, rimas e é registrado em linguagem informal, bem próxima da falada do povo, e é sobre esse riquíssimo gênero textual e as possibilidades de trabalhar com o mesmo em sala de aula que iremos falar no tópico que segue.

2.3 O trabalho com o gênero literatura de cordel em sala de aula

Neste tópico iremos propor o trabalho com o gênero literatura de cordel em sala de aula com o intuito de transformar os alunos em seres críticos, bem como levar para eles um pouco da realidade social do Nordeste, suas crenças, costumes e cultura através dos folhetos de cordel.

A falta de interesse dos alunos nas práticas de leitura talvez seja consequência de um sistema ultrapassado que não busca soluções para tal problema, e também de professores que não trazem os textos para a realidade dos alunos e não criam metodologias adequadas para promover a utilização da literatura dentro práticas de leitura. Conforme destaca Soares (2011, p. 31),

A literatura em âmbito escolar tem sido utilizada como mecanismo nada atraente para o aluno gostar de ler, porque a escola com sua organização e o professor com sua metodologia, têm colocado o aluno cada vez mais distante dessas práticas, não havendo nenhum incentivo a leitura. O grande desafio é promover estratégias de escolarização mais adequadas para a literatura e para leitura. (SOARES, 2001 p.31)

Sabe-se que hoje em meio a tanta tecnologia, é notório que se vive atualmente em um mundo digital, onde tudo que não se atualiza, torna-se desinteressante, é o que acontece com os livros, pois, sabe-se que é alarmante a quantidade de docentes que não tem interesse pela leitura, e assim os livros tornam-se nada atraentes. Martins e Souza (2009, p.17), afirmam que na era digital os livros tornaram-se ultrapassados, não parece ser atraente pegar um livro para ler, ter um envolvimento com os mesmos, adentra-se na história, fazer uma viagem

na vida de personagem e no mundo em que vivem, sendo que os filmes surgem em grandes tecnologias, fazendo do texto algo estático e ultrapassado.

E para competir com a era digital é necessário, por parte do professor, que se trabalhe em sala de aula os variados tipos de textos e de gêneros textuais. Segundo os PCN's é necessário ter

[...] à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia (...), 'revistas de literatura de cordel', textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros (BRASIL, 1997a, p. 61)

Mesmo sendo uma literatura barata, de pouco ou nenhum requinte, feitas muitas vezes por semianalfabetos, impressa em papel de baixo valor aquisitivo e ilustradas manualmente, na maioria das vezes, por xilogravuras, a literatura de cordel é reconhecida como um importante gênero textual, com destaque para o resgate que esta faz da cultura popular nordestina.

Pelo fato da literatura de cordel ser marcada por expressões da cultura popular, com versos e rimas bem elaboradas que chamam a atenção dos leitores, contribui para o processo ensino aprendizagem e também ajuda a manter vivas as tradições e cultura da região Nordeste.

Segundo Alves (208, p. 106), o gênero literatura de cordel pode servir de elo entre aluno e sociedade.

O texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima, mas também contextuais o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país.

É sabido que ainda há grande resistência ao uso da literatura de cordel por não se tratar de uma poesia erudita, mas sim do romanceiro popular e nela é empregada uma linguagem clara, breve e cotidiana, sem preocupação em obedecer à linguagem culta que é posta pela gramática normativa. O cordelista Bonfim em sua obra *O cordel é a chama alegre da cultura brasileira* em um trecho fala dos que criticam a o gênero em questão.

[...] Quem critica o bom cordel
sem conhecer, faz besteira,

não sabe que é o alimento
da alma mais brasileira,
a fruta mais saborosa
nas barraquinhas de feira.

O cordel é o vírus bom
por ser tão contagiante.
Basta se ler uma vez,
para prosseguir adiante,
e dessa arte do verso
se tornar logo um amante.

Mas eu sei que o professor
que ainda não usa o cordel
não é por preconceito
contra qualquer menestrel,
pois com uma boa oficina,
eleva o folheto ao céu.[...]
(BONFIM, 2013, p,2)

O autor faz um convite aos professores a usar o gênero de cordel e ainda propõe-lhes fazer oficinas para melhor aproveitamento desse recurso tão importante, a literatura de cordel é gostosa, atrativa e dinâmica, fazendo com que os alunos sintam-se motivados a aprender.

É de suma importância lembrar que o trabalho com o texto de cordel não deve se resumir apenas à leitura ou a produção de cordéis, mas estabelecer uma relação do que está escrito com a sociedade em que está inserido o aluno, fazendo uma relação crítica entre obra e social.

Uma forma de trabalhar o cordel pode ser através das leituras coletivas, onde os alunos em círculo leem o folheto em voz alta e compartilham a leitura com os demais, nesse método há a quebra do paradigma que somente o professor tem a voz, somente ele tem o domínio da palavra, com esta leitura dinâmica o aluno sente-se inserido dentro do processo de ensino aprendizagem, desenvolvendo sua capacidade de se expressar publicamente.

Os assuntos trabalhados com o gênero literatura de cordel nas aulas de língua portuguesa, bem como em outras disciplinas, não apresentam nenhuma dificuldade de compreensão, por se tratar de uma linguagem simples e de muito fácil entendimento, pois a sua linguagem é cotidiana.

Outra vantagem em trabalhar o cordel em assuntos dentro da sala de aula é o fato de que o cordel é de fácil memorização, pois é feito de forma rimada e em suas estrofes pode-se perceber o ritmo que embala os leitores. O cordelista

cearense Marcos Mairton da Silva escreveu um folheto tratando do novo acordo ortográfico, no qual foi intitulado: *O acordo ortográfico e as mudanças no português do Brasil*.

Com licença, meus amigos,
Quero falar com vocês
Sobre o que estão fazendo
Com o nosso português.
Eu não sei se é bom ou mau
Mas, Brasil e Portugal
Assinaram um tratado
Pra que em nossa ortografia,
Que é diferente hoje em dia,
Seja tudo unificado.
[...]

Eu já soube, por exemplo,
Que acabaram com o trema
E, aliás, quanto a isso,
Não vejo o menor problema.
Pois pronunciar “frequência”,
“tranquilidade”, “sequência”
e até “ambiguidade”,
A gente foi aprendendo
Ouvindo e depois dizendo
Através da oralidade.

O “k”, o “y” e “w”
Entraram no alfabeto.
E quanto a isso eu achei
Que o acordo foi correto
Pois já tinha muita gente
Com nome bem diferente
No sertão do Ceará:
O Yuri e o Sidney,
Franklyn, Kelly e Helvesley,
Já usam essas letras lá.
[...]

Mas, parece que os problema
Que vão incomodar mais
Vêm com a queda dos acentos
Ditos diferenciais.
Pólo, pêra, pêlo e pára
Ficam com a mesma cara
Pra sentidos diferentes.
Mas, de acordo com reforma,
“pôde”, “pôr”, “dêmos” e “forma”
São exceções existentes. [...]

(SILVA, 2010, p.2)

Através destes trechos do folheto de cordel de Silva percebe-se que o mesmo faz referências ao novo acordo ortográfico, assunto debatido e tratado durante muito tempo e que até hoje ainda acarreta muitas dúvidas, porém no folheto o autor deixa claro algumas normas que mudaram com o novo acordo.

Certamente são mais simples de serem absorvidos esses novos acordos estabelecidos pela gramática normativa em forma de cordel, de modo rimado e simples, do que da forma tradicional, pois tanto a linguagem presente no cordel como os termos são mais comuns para o aluno, possibilitando aos mesmos um maior entendimento.

A literatura de cordel possui uma fonte inesgotável de temas, esses que devem ser levados pelo professor para sala de aula, fazendo, por exemplo, debates sobre os mesmos. É uma forma de manter o educando sempre por dentro de tudo que está acontecendo na atualidade. A esse respeito, Lajolo (2002, p. 7) destaca:

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem deve) encerrar-se nela.

O contado com os folhetos e seus diversos é necessário para que o aluno esteja sempre a par de tudo que faz parte da cultura a que este pertence, além de entender a sociedade em que vive, suas histórias mais remotas até a sua atualidade, pois é somente conhecendo a realidade em que se vive que pode-se se tornar um ser ativo dentro dela em meio a tantas adversidades, e é através da leitura que pode-se adquirir essa conquista.

Outra forma de se trabalhar com o cordel é teatralização dos folhetos, o educador pode propor para seus alunos que os mesmos se organizem em grupos e façam uma peça teatral do folheto escolhido.

Então ver-se que a literatura de cordel pode ser usada tanto como instrumento metodológico didático, como também uma forma de resgate da história do Nordeste, pois, como explicitado anteriormente, os folhetos de cordel contam o folclore nordestino, as histórias de um povo, das lutas travadas contra condições sociais em que viviam suas crenças e vitórias.

A literatura de cordel é de grande valia nas salas de aula principalmente do nordeste brasileiro, pelo fato dos folhetos fazerem parte da cultura nordestina, pois

é impressionante a quantidade de informações que os cordelistas dispõem em suas obras, uma vez que tudo que é contado nos cordéis está ligado diretamente ao lugar e região a que os mesmos pertencem.

O cordel além de tudo é de fundamental importância em sala de aula, pois também é uma forma de valorizar o poeta local, os cordelistas do estado, da cidade ou da região em que está inserido o aluno, inserindo nas salas de aula temas de cordelistas que vivenciam a realidade da qual fazem parte.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Metodologia

A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa deu-se com base em uma abordagem qualitativa, na qual interpretou-se os fatos e buscou-se a solução dos problemas encontrados; foi utilizado também o método dialético, nesse método interpreta-se a realidade na medida em que se estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando são considerados de forma isolada.

Para a realização da pesquisa de campo fez-se necessário o uso da técnica de entrevista semiestruturada ou não estruturada, sendo que a semiestruturada é aquela que segue certos questionamentos básicos, e no decorrer da entrevista surgem novas hipóteses. Por sua vez, a entrevista não estruturada não tem roteiro preestabelecido, as perguntas podem ser respondidas em ambientes de conversação informal. (ANDRADE, 2007).

Foram entrevistados onze sujeitos, sob Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) distribuídos da seguinte forma: dez alunos do 7º ano do ensino fundamental II da Unidade Escolar Antônio Serafim, e o professor de língua portuguesa da referida turma, sob sigilo total de suas identidades, atribuindo assim, nome fictício a cada sujeito, tais como entrevistado A, entrevistado B, entrevistado C, e assim por diante.

A pesquisa foi realizada na Unidade escolar Antônio Serafim, escola pertencente à rede estadual de ensino do município de Santo Antônio de Lisboa, localizada precisamente no bairro Acampamento, na Avenida João Rodrigues de Almeida.

O município de Santo Antônio de Lisboa fica localizado na microrregião de Pio IX, e macrorregião de Picos. O processo educacional no município de Santo Antônio de Lisboa dá-se por meio da Educação Básica, isto é, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio presentes nas unidades escolares do município distribuídas da seguinte forma: 08 escolas das quais 03 são escolas pertencentes à rede estadual de ensino, que abrangem ensino fundamental e médio, sendo que 02 ficam localizados no centro da cidade e outra no bairro Acampamento; três são pertencentes à rede municipal de ensino, abrangendo principalmente o ensino fundamental, sendo que 01 fica

localizada no centro, 01 no bairro Acampamento e 01 no bairro Cohab; além de uma escola particular, abrangendo desde o Ensino Infantil até o Ensino Fundamental, e 01 Creche, localizadas também no centro da cidade.

A escola onde foi realizada a pesquisa está organizada nos seguintes níveis de ensino: Educação básica com o ensino fundamental II, ensino médio e EJA (educação para jovens e adultos) e funciona com turmas pela manhã tarde e noite.

O motivo da escolha da referida Unidade Escolar deu-se devido a ter-se um conhecimento mais aprofundado sobre a mesma, e também com os funcionários e alunos, por questão de proximidade e locomoção e por ter ciência da realidade da escola, fato este que se conduz à constatação de que na nela não se faz uso frequente da literatura de cordel nas salas de aula.

A turma escolhida para fazer-se a pesquisa de campo foi a do 7º ano do ensino fundamental II. A escolha se deu porque, segundo os gestores da escola, é essa uma das turmas que mais se destaca na Unidade Escolar Antônio Serafim, então despertou o interesse de conhecer mais de perto a referida turma, sua realidade e confrontar-se com o tema que está sendo explanado nesse trabalho.

3.2 Análise dos dados

A pesquisa aqui levantada tem por objetivo identificar como a literatura de cordel está sendo trabalhada ,no 7º ano da Unidade escolar Antônio Serafim, localizada na zona rural do município de Santo Antônio de Lisboa, analisar como o ensino dos folhetos de cordel contribui para o resgate de traços da cultura regional e buscar compreender quais são os métodos que os professores da referida unidade escolar estão utilizando, se há um incentivo ao uso da literatura de cordel nesta escola e compreender como o cordel reflete na realidade social dos alunos.

Para a realização da pesquisa fez-se necessário um levantamento de como o texto está sendo trabalhado em sala de aula, mais especificamente a literatura de cordel. Os sujeitos entrevistados dividiram-se em duas categorias, o docente e dez discentes do 7º ano do ensino fundamental da Unidade Escolar Antônio Serafim, sendo que os mesmos estavam na faixa etária entre doze até dezesseis anos, sendo sete do sexo feminino e três do sexo masculino, informações estas reproduzidas no gráfico a seguir.

TABELA 1 – Perfil dos discentes

Entrevistado	Sexo	Idade	Estado Civil	Escolaridade (série/ano)	Tempo de estudo na instituição
A	F	13	Solteira	7 ^o	3 anos
B	F	12	Solteira	7 ^o	2 anos
C	F	12	Solteira	7 ^o	4 anos
D	F	13	Solteira	7 ^o	3 anos
E	F	12	Solteira	7 ^o	3 anos
F	M	16	Solteiro	7 ^o	5 anos
G	M	16	Solteiro	7 ^o	2 anos
H	F	13	Solteira	7 ^o	4 anos
I	M	14	Solteiro	7 ^o	5 anos
J	F	13	Solteira	7 ^o	3 anos

Fonte: Autora

Quando indagados sobre a qualidade do ensino prestado pela escola em estudo, a maioria dos entrevistados respondeu que a escola presta um ensino consideravelmente bom, pois em grande parte das opiniões a escola se esforça ao máximo para concretização de suas funções, no que diz respeito ao repasse de conteúdos de forma clara e objetiva, além de ser uma instituição que se preocupa em formar cidadãos críticos e conscientes de que têm direitos e deveres a cumprir na sociedade.

Tal perspectiva pode ser melhor explicitada nas palavras dos entrevistados:

Entrevistado B:

O ensino é muito bom, os professores são realmente capacitados e se esforçam bastante para repassar o conteúdo, são preocupados com a aprendizagem do aluno, saber se eles estão realmente entendendo o conteúdo, além de estarem sempre aconselhando a gente em sala de aula sobre assuntos do dia-a-dia, e que é muito importante a gente saber.

Entrevistado D:

Eu acho que a forma como os professores ensinam a gente é a melhor possível. Tem uns professores que se destacam mais, que são mais preocupados, tem outros que não são tão preocupados com os alunos, com relação a outros assuntos, mas que ensinam tudo direitinho pra gente, tem

outros que se preocupam tanto em ensinar, como também com os problemas dos alunos, conversando e aconselhando a gente.

Pode-se perceber então que a Unidade Escolar Antônio Serafim, enquanto instituição que dá bases concretas para o processo de construção de cidadania, configura-se, de acordo com os discentes entrevistados, como uma instituição que presta um ensino consideravelmente bom, atendendo às necessidades dos educandos de forma clara e objetiva, tendo como base estruturante os princípios e diretrizes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB N°9.394/96).

Ao perguntar aos entrevistados sobre a frequência com que o texto é trabalhado em sala de aula, boa parte dos alunos falaram que o texto é semanalmente usado nas aulas de língua portuguesa, como pode-se visualizar melhor nas respostas que seguem:

Entrevistado H

A professora geralmente trabalha com o texto uma vez por semana, depois de feito o estudo da gramática, ela usa os textos nas aulas seguintes.

Entrevistado J

Uma ou às vezes duas vezes por semana, ela lê textos que estão nos livros, historinhas no final das aulas, todo mundo gosta quando ela faz isso.

Vê-se que o texto ainda é pouco trabalhado em sala de aula, e percebe-se que o uso dos mesmos é feita separadamente das aulas de gramática, o docente não envolve gramática e textos. O ideal seria que o professor aliasse o ensino da gramática e o trabalho com os textos.

Com relação ao modo como estes textos são trabalhados em sala de aula, os discentes afirmaram que na grande maioria das vezes é feito uma leitura compartilhada, onde cada aluno lê uma parte do texto e no final da leitura discutem o que foi entendido. Sobre o texto em questão, pode-se observar o depoimento do entrevistado, que afirma:

Entrevistado F:

A professora pedi para que cada um de nós lermos um parágrafo, enquanto um faz a leitura todos prestam bastante atenção, pois em seguida a professora pergunta a nossa opinião, se gostamos do texto?, O que entendemos sobre ele? Que parte do texto nos chamou mais atenção? Discutimos muito sobre os textos que foram lidos.

A Leitura compartilhada é uma prática que além de favorecer o aprendizado do aluno, também colabora para a interação da turma, bem como a interação professor e alunos. Os alunos manifestam sua opinião sobre o texto, ajudando assim a tornar-se um ser crítico, dentro e fora do âmbito escolar. O entrevistado G fala sobre a leitura compartilhada.

A professora faz a leitura compartilhada em sala de aula, e a parte que nos compete lemos em voz alta e depois falamos para ela e para os colegas o que entendemos, eu gosto desse tipo de leitura, pois nos ajudar a perder a vergonha de se expressar em público, antes tinha vergonha de ler em público e hoje em dia leio nos eventos da escola, na igreja e onde tiver oportunidade.

Esse modo de trabalhar a leitura de textos em sala de aula permite aos educandos a exposição e troca de opiniões, é um momento de confronto de conhecimento, onde o professor é um mediador, e tem função de instigar os alunos a perceberem os aspectos mais importantes do texto e quando possível comparar o texto em questão com a realidade dos educandos.

Com relação às estratégias usadas pelo professor para trabalhar o texto, a docente entrevistada fala das que mais utiliza com seus alunos, vê-se no próprio depoimento que segue:

Procuro trabalhar por meio de músicas, leituras de textos complementares voltadas para o cotidiano dos meus alunos, de forma individual ou em grupos, usando a estratégia de leitura compartilhada, como eles preferem. Solicito ao final da leitura interpretações orais ou escritas.

Vê-se que o professor envolvido na pesquisa é dinâmico em suas aulas, pois preocupa-se em usar estratégias inovadoras com seus alunos e também preocupa-se em agradar seus alunos com as opções de ensino que eles mais se interessam.

Quando indagado sobre os tipos de gêneros textuais que mais são trabalhados em sala de aula, os entrevistados primeiramente perguntaram o que era um gênero textual? Quando esclarecidos sobre a dúvida que tinham, explanaram que são trabalhados diversos gêneros, vê-se, por exemplo:

Entrevistado A:

Os gêneros que mais usamos são o romance, as notícias de jornal, os contos de fadas, às vezes lendas, a professora também explica charges, uma vez ela nos pediu para escrever um bilhete para quem a gente quisesse e nos explicou que aquele também era um gênero textual.

Percebe-se que os alunos gostam e recepcionam de forma positiva novos gêneros e com a diversidade deles conseguem se envolver da melhor forma com gêneros, pois esses são mais presentes no cotidiano dos educandos.

Os educandos falaram sobre a importância de trabalhar com a diversidade de gêneros textuais em sala de aula.

Entrevistado C

Eu acho muito importante trabalhar diversos tipos de gêneros textuais em sala de aula, pois com certeza a gente aprende mais fácil, pois a maioria deles é bem melhor para entendermos. E além da professora ensinar a melhor forma de usar o gênero que ela trabalha.

A diversidade de gêneros textuais usados em sala de aula ajuda os alunos a se sentirem familiarizados com os mais diversos tipos de gêneros que encontrarão fora da escola, além de expandirem seu conhecimento. Segundo os PCN's: "A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno." (BRASIL, 1998, p. 34).

Os gêneros são inesgotáveis fontes de conhecimento, que facilmente são encontrados, e podem ser soluções para muitos problemas, como por exemplo a falta de interesse dos alunos pela leitura, pois segundo a própria docente entrevistada, a realidade da maioria dos alunos ainda é essa. Segundo ela:

Entrevistado L:

Enfrenta-se uma grande barreira em relação a isso, pois mais da metade dos alunos não gostam de ler, os mesmos têm uma grande dificuldade de leitura e produção de texto, mas trabalhamos a medida que se pode, sempre buscando novos métodos, novos gêneros.

Existem alunos que adoram contos, mas não gostam de romance e vice versa, então é aí onde entra a questão dos gêneros textuais ajudarem na prática de leitura, pois, o discente quando tem contado com seu gênero textual preferido certamente vai assimilar a mensagem passada através do mesmo, ter uma prazerosa leitura.

Mas sabe-se que não é fácil para o professor, que enfrenta inúmeras dificuldades, criar uma metodologia que abranja a diversidade de gêneros textuais, pois segundo a própria docente, a correria, a falta de interesse dos alunos, a ausência dos pais no processo educativo dos filhos, levam os educandos a não ter um compromisso com as atividades escolares. A docente afirma:

Entrevistado L:

A nossa maior dificuldade na efetivação do nosso trabalho é a falta de interesse dos alunos, os pais que não procuram acompanhar a vida escolar dos seus filhos, vejo a maioria do meu alunado um pouco alienado diante dos conteúdos ministrados e muitas vezes nem temos muito tempo de correr atrás de novas práticas educativas, novos gêneros textuais, já que a sobrecarga de trabalho é imensa, ministro em quatro turmas de ensino fundamental na referida escola, sendo que são cinco aulas semanais em cada turma e ainda divido meu tempo com uma escola privada da cidade.

Pode-se perceber que a docente envolvida na pesquisa conhece a importância de se trabalhar novos gêneros textuais, de envolver seus alunos com a diversidade dos mesmos, mas na efetivação do trabalho surgem muitas dificuldades.

Um dos momentos mais surpreendentes foi quando os alunos foram indagados com a seguinte pergunta: Vocês têm conhecimento sobre a literatura de cordel? Neste momento a maioria dos entrevistados responderam que não, como pode ser visualizado na citação abaixo:

Entrevistado B:

Eu nunca ouvi falar em literatura de cordel, nem na escola e muito menos fora dela, nunca tive contado com esse tipo de histórias.

Dos discentes entrevistados, que foram no total de dez, apenas quatro afirmaram que conheciam a literatura de cordel, e desses quatro, apenas um fez leitura desse tipo de literatura.

Alguns alunos explanaram que o professor já mencionou superficialmente a literatura de cordel, porém nunca levou o folheto de cordel para sala de aula, nem foi feito uso do mesmo para abordar nenhum tema estudado, como pode-se ver no relato do sujeito entrevistado:

Entrevistado K:

A professora já falou do cordel pra gente, pois tinha no nosso livro um capítulo que tinha uma parte que falava da literatura de cordel.

Outro aluno relata que o contato que teve com a literatura de cordel foi apenas em uma festividade da escola:

Entrevistado H:

Lembro que em um desfile de sete de setembro, alguns alunos levaram os cordéis, representando a cultura nordestina.

Vê-se que o gênero literatura de cordel não é usado como instrumento de ensino aprendizagem no 7º ano do ensino fundamental da Unidade Escolar Antônio Serafim e portanto, a maioria dos alunos ainda não conhece esse riquíssimo documento de resgate da cultura popular nordestina.

Porém, quando perguntada sobre a importância da literatura de cordel para ajudar no desenvolvimento social dos alunos, bem como no resgate da cultura popular nordestina, a docente afirma:

Entrevistado L:

Seria interessante trabalhar a literatura de cordel, principalmente para nós nordestinos, pois eles serviriam como uma forma de mostrar um pouco mais sobre nossa cultura para os alunos. Acho que os folhetos de cordel deveriam estar presentes no livro didático, e em outras fontes de pesquisa, pois as escolas não contam com muito material de apoio desse tipo.

Fez-se o mesmo questionamento para os educandos e boa parte deles teve a mesma opinião da professora, informação esta comprovada em um trecho da entrevista que segue:

Entrevistado B:

Eu acho que seria bem melhor que os professores trabalhassem com o cordel nas aulas, eu gosto desse tipo de texto, eles são interessantes e engraçados, creio que a gente aprendia muito mais.

Outro aluno entrevistado falou da questão da literatura de cordel como forma de conhecer mais sobre a região em que vive.

Entrevistado E:

Meu pai me falou que meu avô sempre que vinha da feira trazia um cordel novo para ser lido para todos os filhos, era interessante que, como antigamente, praticássemos mais o ato de ler junto com nossa família, e o cordel é um texto escrito por nordestinos como nós e eles contam histórias da nossa região, sendo uma forma de aprendermos mais sobre ela.

O cordel é cultura, são os relatos dos acontecimentos que não vivemos, faz parte das histórias dos nossos antepassados e deve continuar reinando com a importância e destaque que merece no século XXI; o cordel é fonte de pesquisa, indispensável para ser usado nas escolas de todo o país.

Os alunos foram indagados sobre o conhecimento que os mesmos têm da cultura popular nordestina, e a maioria deles afirmaram que conheciam superficialmente, vê-se as respostas dos mesmos:

Entrevistado A:

Conheço um pouco da cultura popular nordestina, às vezes a professora fala pra gente, acho muito interessante e gostaria de aprender bem mais sobre a região onde vivemos.

Mesmo com o trabalho já desempenhado pelos professores, no que diz respeito à propagação da cultura popular do Nordeste, vê-se que ainda é pouco, pois essa região é de uma vasta cultura, que deve ser repassada na escola e valorizada dentro da sala de aula.

Segundo a professora entrevistada a escola não dispõe de muitos materiais que tratam da cultura popular nordestina, então poucas vezes é mencionado sobre o assunto em questão. A docente afirma:

Entrevistado L:

Em alguns momentos faço menção à cultura popular nordestina, não abordamos com mais frequência, pois a escola não tem em seu acervo materiais de pesquisa sobre este assunto.

Em uma conversa com alguns membros da equipe gestora da Unidade Escolar Antônio Serafim, eles afirmaram que a escassez de materiais é um grande problema, porém, a escola organiza principalmente em datas comemorativas, como o dia do Piauí, aniversário de emancipação política da cidade de Santo Antônio de Lisboa e o desfile de sete de setembro, projetos, gincanas culturais, que o foco principal é passar para os educandos um pouco da cultura popular nordestina.

Tais colocações mostram que a escola é preocupada em repassar para seus alunos características culturais da cidade, do estado e da região em que vivem, porém, ainda deixam de lado uma importante fonte de conhecimento da cultura regional, que é a literatura de cordel, de baixo custo e facilmente encontrada.

Notou-se que a biblioteca da Unidade Escolar Antônio Serafim não contava com nenhum folheto de cordel à disposição de seus alunos.

Outra qualidade de se trabalhar a literatura de cordel é que a mesma serve como instrumento de incentivo à leitura, por possuir uma linguagem simples e bem próxima da linguagem cotidiana dos alunos.

Nas entrevistas notou-se que os alunos do 7º ano da Unidade Escolar Antônio Serafim não têm o hábito da leitura fora da sala de aula, pois dos dez entrevistados, apenas um afirmou que fazia leituras de livros fora do âmbito escolar. Vê-se a seguir no depoimento da educanda:

Entrevistado E:

Eu leio fora da escola, mas não é muito, acho que uma ou duas vezes por semana, trago livros da biblioteca para ler em casa, a maioria das vezes livros infantis, contos de fadas e quadrinhos.

Porém como já foi mencionado, a maioria dos alunos afirmaram que não leem fora da escola, como se observa nos depoimentos abaixo:

Entrevistado D:

Só leio o que é obrigado pela professora nas aulas, em casa nunca leio, só para responder as tarefas mesmo.

Entrevistado C:

Não leio frequentemente, e só leio o que faz parte dos conteúdos da escola, em casa eu saio para brincar, que é interessante e ler é muito chato.

Entrevistado A:

Eu só faço a leitura de algum texto fora da escola quando as professoras me pedem, não leio em casa, além do que me é solicitado.

Nota-se que a leitura é tratada como algo “chato e desinteressante” pelos alunos, problema que, como na maioria das escolas, a Unidade Escolar Antônio Serafim enfrenta. A docente afirma que o problema vai além da escola em estudo, ela diz:

Entrevistado L:

Eu como professora em outras escolas e também em outras turmas vejo que o problema não está somente na Unidade Escolar Antônio Serafim, ou na turma de 7º ano do turno da tarde, a realidade é triste e igual nas demais escolas que leciono, são poucos os alunos que se interessam em ir a uma biblioteca pegar um livro para fazer leitura fora da sala de aula, alguns não acompanham ao menos o que eu solicito nas aulas.

Então, diante de tudo que foi exposto sobre essa temática, percebe-se que o problema da falta de interesse pela leitura é agravante, e que precisa urgentemente buscar-se métodos para mudar essa realidade. A literatura de cordel, assim como resgate da cultura, pode ser uma solução para que leitores iniciantes tomem gosto pelo ato de ler.

Posteriormente às colocações feitas, fica evidente que os alunos do 7º ano da Unidade Escolar Antônio Serafim, não possuem nenhum conhecimento significativo sobre o gênero literatura de cordel, e nem é feito por parte do educador um trabalho voltado para a propagação e conhecimento deste gênero, não havendo uma exploração das suas possibilidades de uso.

A partir de tais considerações pode-se apresentar a literatura popular como possível forma de solucionar os problemas encontrados no processo de ensino aprendizagem, levando em conta o cordel como método de intervenção na educação.

Dessa forma a inserção e intervenção da literatura de cordel em sala de aula configura-se como algo importante e necessário, uma vez que esses folhetos podem servir como instrumentos de apoio, usados pelos professores e os demais profissionais da educação, buscando formas de intervenção na literatura trabalhada em sala de aula e na vida social do seu alunado, apontando os possíveis caminhos para uma educação voltada para o resgate e preservação da cultura popular da região Nordeste.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel tem origem em terras europeias, mas chegando em solo brasileiro foi no Nordeste que se propagou e incorporou características da região, não se trata de uma poesia erudita, mas popular, nela são apresentadas histórias de um povo que tem os fatos do cotidiano retratados em versos que trilham entre a oralidade e a escrita.

Pode-se afirmar que a literatura de cordel é uma narrativa popular composta de características da região Nordeste e representação dos valores sociais do povo da referida região, esta literatura dá voz ao homem sertanejo, ao vaqueiro, aos retirantes, que contam e cantam suas aventuras, lamentações e crenças através das páginas dos folhetos.

A literatura de cordel constitui um produto social e assim sendo pensa-se em uma educação voltada para a realidade do sujeito, analisando os fatos do presente e conhecendo os que ocorreram no passado, pois o cordel é reflexo cultural do povo da região Nordeste.

Fala-se do cordel como instrumento de ensino aprendizagem devido a presença de características bem próximas dos educandos, como a linguagem empregada nos cordéis e os personagens neles retratados.

O gênero literatura de cordel, assim como os demais gêneros, contribui para a formação dos educandos de forma que o professor poderá explorar a regionalidade, os costumes e crenças religiosas do povo nordestino a partir do contato dos alunos com textos de cordel, que os conduzam a uma reflexão da realidade enleada nesses textos.

A Unidade Escolar Antônio Serafim constitui uma instituição pública do interior do Piauí, que, assim como muitas escolas, apresentam em seu contexto educacional diversos problemas em relação à falta de interesse dos alunos, principalmente na leitura e discussão de textos, aliados ao fato de que os professores e gestores escolares não trazem a poesia popular para dentro da sala de aula.

Porém os profissionais dessa escola, assim como os alunos, sentem a necessidade da inclusão da poesia popular em sala de aula. A Unidade Escolar Antônio Serafim, assim como muitas outras, não fazem uso da literatura de cordel como suporte de ensino aprendizagem e resgate da cultura popular nordestina.

O folheto de cordel na unidade em estudo pode atuar como uma extensão do conhecimento dos alunos, com o objetivo de contribuir para a melhoria do ensino na referida escola, possibilitando uma educação voltada para a valorização da cultura dessa região.

Outra atribuição ao uso da literatura de cordel no contexto escolar seria a capacidade deste aluno de confrontar com a realidade, tornando-se crítico e participativos na sociedade em que vivem, possibilitando um desenvolvimento educacional e social dos educandos.

Segundo os dados avaliados na pesquisa de campo realizada na unidade escolar citada, concluiu-se que os professores da referida escola não se empenham em usar o texto de cordel em sala de aula, e conseqüentemente os educandos pouco conhecem sobre o gênero literatura de cordel.

Outra vantagem quanto ao uso da literatura de cordel em sala de aula é que a mesma ajuda no incentivo à leitura, por possuir uma linguagem clara e cotidiana, de fácil entendimento, então pensa-se que esta seria uma forma de solucionar o problema da falta de interesse pela leitura, pois como foi observado os alunos da referida escola não tem o hábito de ler.

Assim, tendo-se alcançado o objetivo inicialmente proposto neste trabalho, essa pesquisa marca apenas o início de uma pesquisa na área de literatura de cordel, levando em consideração que as informações aqui obtidas abrem espaço para o aprofundamento e posteriores estudos nessa área.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Campinas: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ALVES, Roberta Monteiro. **Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula**. Sergipe, Universidade Federal de Sergipe, 2008, p.3.
- AMARAL, Firmino Teixeira. **Peleja de Cego Aderaldo com Zé pretinho**, 1916.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Ática, 2003.
- BONINI, Adair. **Os Gêneros do jornal: Questões de pesquisa e ensino**. In: KARWOSKI, Acir Mario, GAUDEZKA, Beatriz. BRITO, Karen Siebeneicher (Org.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005. p.18– 30.
- BRASIL, **Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.
- BEZERRA, Monique Magda Gomes. **História e Representação do Vaqueiro na Literatura de Cordel**. Picos, UFPI-CSHNB, 2011.
- BONFIM, João Bosco Bezerra. **O cordel é a chama alegre da cultura brasileira**. 2009.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Global, 2001. p.332.
- DIÉGUES JR, Manuel. **Literatura de cordel**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1977.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernarde. Os gêneros escolares das práticas de linguagem aos objetivos de ensino. In: ROJO, Roxane. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de letras, 2004. p. 97-106.
- FÁVERO & KOCH, I. G. V.. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1994.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3ª ed. Cascavel: Assoeste, 1984
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Os folhetos nordestinos: literatura e história**. Rio Grande do Norte, 2013, p.3.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei Nº9394/1996. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LIMA, Arievaldo Viana (org.). **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Tupynanquim, 2006.

_____. **A história da Rainha Esther**, 1989, p.3.

LINHARES, Thelma R.S. **A história da Literatura de Cordel**. Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel90.htm>>. Acesso em: 26 de junho de 2014.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36.

MARTINS, KCC; SOUZA, RJ. **Literatura em Sala de Aula: O duelo entre metodozição do ensino da leitura e os desafios das práticas de letramento**. Três Lagoas, 2013.

MARTINS, SPIRLANDELLI, MAGALHÃES. **Literatura de cordel em sala de aula: um estudo do gênero**. Letras- uni- FACEF, Franca, 2008, p.29.

MATOS, Edilene. **Literatura de Cordel: escuta de uma voz poética**. Revista Cultura Crítica Revista Cultural da Apropuc-SP n. 6-2º semestre de 2007.

MEDEIROS, Irani. **No reino da poesia sertaneja**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. -2.ed.- Belo Horizonte: Autentica, 2004.

ROCHA, José Pacheco da. A Chegada de Lampião no Inferno. In: BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel**. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

SALLES, Vicente. **Repente & Cordel**: Literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985, p.25.

SANTOS, Apolônio Alves dos. **Discussão do Carioca com o Pau-de-Arara**, 1950, p.3.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Sirleide Vieira dos. **Acorda cordel na sala de aula**: a legitimação do povo para o povo. São Paulo, USP, 2012.

SILVA, Mairton. **O acordo ortográfico e as mudanças no português no Brasil**. 2011.

SOARES, Magda (2001): **Que professor de português queremos formar?** In: Boletim da ABRALIN, n.º 25. Atas do I Congresso Nacional da ABRALIN.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VIANA, Arievaldo. **Acorda cordel na sala de aula**. Disponível em: http://www.fotolog.terra.com.br/acorda_cordel:17.htm>. Acesso em: 18/07/14.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

***“O ENSINO DA LITERATURA DE CORDEL NO 7º ANO DA UNIDADE ESCOLAR
ANTÔNIO SERAFIM EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA-PI”***

INSTRUMENTAL DE COLETA DE DADOS PARA OS DISCENTES

- 1- Com que frequência o texto é trabalhado em sala de aula?
- 2- Como o texto é trabalhado em sala de aula?
- 3- Quais os tipos de gêneros textuais mais são trabalhados em sala de aula?
- 4- Vocês já ouviram falar em literatura de cordel?
- 5- Se sim, como foi feito o trabalho do professor?
- 6- Vocês acham que trabalhar a literatura de cordel em sala de aula ajuda no desenvolvimento social de vocês?
- 7- Como vocês participam das aulas de leitura?
- 8- Você acha importante trabalhar a diversidade de gêneros textuais em sala de aula?
- 9- Com que frequência você lê um livro fora do âmbito escolar?
- 10- Você tem conhecimento da cultura popular nordestina?
- 11- Vocês acham que o ensino prestado pela instituição é satisfatório?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

***“O ENSINO DA LITERATURA DE CORDEL NO 7º DA UNIDADE ESCOLAR
ANTÔNIO SERAFIM EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA-PI”***

INSTRUMENTAL DE COLETA DE DADOS PARA O DOCENTE

- 1- Em quantas turmas de ensino fundamental o Sr.(a) leciona?
- 2- Como professor da escola, quais as dificuldades que o Sr. (a) encontra para efetivação do seu trabalho?
- 3- Como o Sr.(a) vê a relação ensino-aprendizagem entre professor e aluno dentro da instituição?
- 4- Com que frequência o texto é trabalhado dentro do âmbito da sala de aula?
- 5- Que estratégias são usadas para trabalhar o texto?
- 6- Quais os tipos de gêneros textuais mais são trabalhados em sala de aula?
7. O Sr.(a) faz uso da literatura de cordel em suas aulas? Como esta é trabalhada em sala de aula?
- 8- O Sr.(a) Faz uma relação entre o trabalho em sala de aula e o contexto social do aluno?
- 9- Como os alunos participam das aulas de leitura e como os mesmos recebem novos gêneros textuais?
- 10- Para você, qual a importância de se trabalhar a literatura de cordel em sala de aula?
- 11- O Sr.(a) acha que trabalhar a literatura de cordel em sala de aula ajuda no desenvolvimento social do aluno, bem como no resgate a cultura popular nordestina?

12- Em algum momento faz-se relação à cultura popular nordestina nas aulas de língua portuguesa?

13- Como a escola faz o resgate da cultura popular regional?

14- A literatura de cordel deveria ser trabalhada como componente curricular?



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA "JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (x) Monografia
- () Artigo

Eu, **ALANE DE OLIVEIRA GOMES**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **O ENSINO DA LITERATURA DE CORDEL NO 7º ANO DA UNIDADE ESCOLAR ANTÔNIO SERAFIM, EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA- PI**, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 17 de Março de 2015.

Alane de Oliveira Gomes

Assinatura